

WOODY ALLEN
O ÚLTIMO GÊNIO



Natalio Grueso

WOODY ALLEN
O ÚLTIMO GÊNIO

Tradução de
GONÇALO NEVES



WOODY ALLEN, O ÚLTIMO GÉNIO

Título original: *Woody Allen, el último genio*

© 2015, Natalio Grueso c/o DOSPASSOS Agencia Literaria

© desta edição:

2016, Penguin Random House,
Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edf. Office 123 — Sala 2.5

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: Gonçalo Neves

Revisão: Catarina Sacramento

Paginação: Teresa Coelho

Capa: arranjo gráfico de Teresa Coelho

Fotografias da capa © Nicolas Guerin

1.ª edição: Março 2016

ISBN: 978-989-665-037-7

Depósito legal: 406082/16

Impressão e Acabamento:

Printer Portuguesa

Distribuição:

VASP

Tel.: 214 337 000

geral@vasp.pt

Objectiva é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

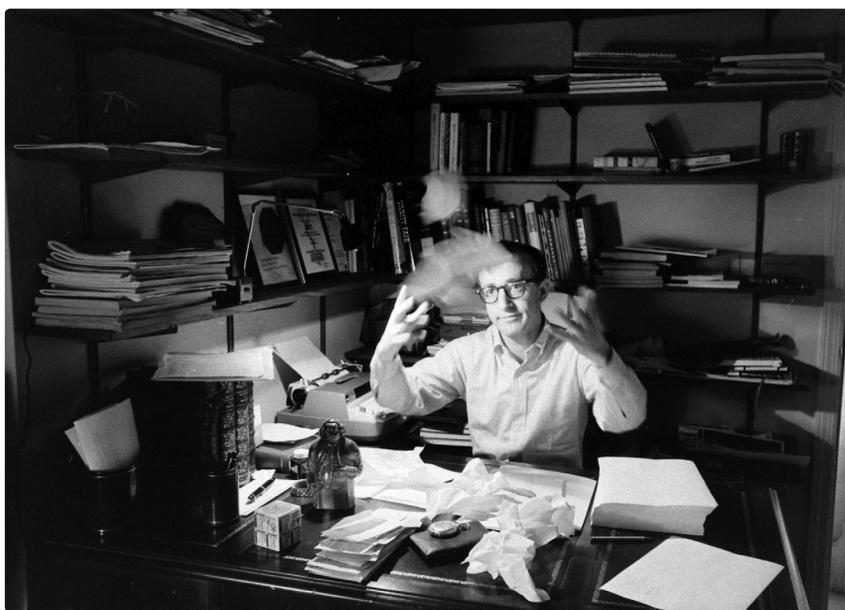
Ao Mario, génio incompreendido

Índice

1. O génio	11
2. A jovem promessa	23
3. O génio do <i>stand up</i>	43
4. O contador de histórias	63
5. O cómico	83
6. A celebridade	101
7. O cinéfilo	111
8. O afortunado	129
9. O músico	141
10. O leitor	155
11. O existencialista	179
12. O eterno	191
AGRADECIMENTOS	199
CRONOLOGIA	201

1

O GÊNIO



«O meu cérebro é o meu segundo órgão favorito.»

Chovia. Nem poderia ter sido de outra forma, pois ele adora a chuva. A primeira vez que o vi, chovia. Com o cabelo ainda molhado e os sapatos encharcados, desenrolou-se o maravilhoso ritual em vias de extinção, as luzes da sala que se apagam, as conversas que se convertem primeiro em murmúrios e depois em silêncio, o grande ecrã que se ilumina e a música de fanfaras anunciando que o filme vai começar. A magia do cinema.

Lembro-me das cadeiras forradas de verde. Eram grandes, confortáveis, com distância suficiente entre as filas para podermos esticar as pernas. Corredores amplos dos lados e um generoso *hall* de entrada capaz de albergar centenas de espectadores. O cinema tinha um nome à medida da sua grandiosidade, o Palladium, uma dessas salas que então se denominavam de arte e ensaio, o que, traduzido na linguagem de quem gostava de cinema, significava que ali se exibiam bons filmes.

Soou um solo de sopro confrangedor, *Rhapsody in Blue*, de Gershwin, e, no enorme ecrã que ocupava a parede de um lado ao outro, surgiu a imagem a preto-e-branco de uma cidade fotografada com singular beleza e uma voz em *off* que dizia adorar a cidade de Nova Iorque. *Manhattan*, era esse o filme, e foi a primeira vez que o vi. Um magricelas, com grandes óculos de aros grossos, tímido e neurótico, mas dotado de um talento e de um sentido de humor tão extraordinários que, no final, era ele quem ficava com a rapariga. E quando somos adolescentes inseguros — perdoe-se-me o pleonasma —, isso converte-se num

balão de oxigénio, ou melhor ainda, numa lição de vida, na certeza de que nada está perdido, de que se pode triunfar independentemente das cartas que nos tiverem calhado na distribuição do baralho, porque tudo depende da inteligência com que jogamos as que temos na mão.

A partir desse filme, *Manhattan*, a imagem de Woody Allen e a da cidade dos arranha-céus são inseparáveis: não se podem conceber uma sem a outra. Alguns anos mais tarde, quando pisei pela primeira vez o chão de Nova Iorque, não consegui evitar a sensação de regresso a casa, a um lugar onde já estivera e que conhecia perfeitamente graças ao cinema, sentimento ou percepção que, conforme pude comprovar posteriormente, partilho com muitas outras pessoas. Como não podia deixar de ser, eu também adorava essa cidade, que me tinha cativado desde que vira o cartaz do filme, uma ponte de ferro de cor azulada e duas pessoas de costas para a câmara, sentadas num banco. Já passaram quarenta anos desde a gravação desse mítico plano. O tal banco estava na Rua 59, na esquina com a Primeira Avenida. Vou à procura dele, mas já não está lá. Agora há um pequeno parque infantil algo desmantelado. A ponte, aliás, não é azulada, mas ocre.

Woody sorri quando lhe conto a história:

— Não havia banco nenhum, foram os da produção que o levaram.

A vida é mais formosa através dos olhos da câmara de Mr. Allen.

Ao ritmo frenético marcado pelos tempos, as grandes salas de cinema que constituíam o coração cultural das cidades foram dando lugar a outros negócios mais lucrativos, grandes armazéns, supermercados, casinos, centros comerciais ou, pura e simplesmente, sucumbiram à picareta que os reconverteu em edifícios de apartamentos ou em hotéis. Os poucos cinemas que

sobreviveram no centro urbano foram transformados em multiplex, espaços com lotações muito mais reduzidas e ecrãs infinitamente mais pequenos. Porém, mesmo assim, continuavam a conservar a magia do rito sagrado, a comunhão colectiva de seres que pareciam traças fisgadas pela luz do ecrã. Ali, refugiados na obscuridade da sala, os problemas desapareciam. Quem é que se preocupava com o exame de matemática do dia seguinte, quando Sean Connery e Michael Caine lutavam para salvar a vida sobre uma ponte suspensa em *O Homem que Queria Ser Rei*, de John Huston? Quem é que se preocupava com o facto de a rapariga com quem nos cruzávamos todas as manhãs na paragem do autocarro não nos ligar nenhuma, se, na tela, Marlene Dietrich fumava, desafiante, só para nós? E quando sonhávamos com aventuras impossíveis nas savanas africanas, descobríamos um rinoceronte a navegar num bote, enquanto a nave avançava, impulsionada pela imaginação transbordante do grande Federico Fellini. Ou vislumbrávamos Humphrey Bogart e Hepburn a caminho do interior das trevas a bordo de *A Rainha Africana*.

A obscuridade da sala de cinema marcava a fronteira entre a felicidade e a dor, entre a aventura e a rotina, entre a realidade e a ficção. Mas onde está o limite entre uma e outra? A vida esforçada e monótona que leva a maior parte da população é a vida real ou, pelo contrário, não passa de uma miragem? E se conseguíssemos atravessar o grande ecrã e viver a vida dos nossos heróis do celulóide? Ou, melhor ainda, se fossem eles a conseguir sair do negativo e vir até ao nosso mundo de modo a tornar a nossa vida mais radiante?

Pois foi isso que sucedeu; sucedeu, como sempre, na imaginação do último génio.

Ninguém ficará surpreendido se eu disser que, nesse dia, chovia, pois o leitor já saberá, por esta altura, que ele adora a chuva. A verdade é que chovia, e muito. Novamente, o cabelo

molhado e os sapatos encharcados, mas no interior do cinema tudo era calor. A sala, desta feita, era muito mais pequena; tratava-se de um desses novos cinemas multiplex. Visto com a perspectiva que o tempo permite, reconheça-se que não poderia ter um nome mais adequado: cinemas Brooklyn.

No filme, intitulado *A Rosa Púrpura do Cairo*, Cecília, uma mulher casada com um marido boçal e violento, vai definhando, triste e sozinha, refugiando-se todas as tardes numa sala de cinema para escapar a uma vida miserável e sonhar que também ela participa nas aventuras dos protagonistas do filme, sempre o mesmo, no qual um atraente aventureiro chamado Tom Baxter percorre lugares exóticos e seduz damas com classe. Até que, um dia, o protagonista fica a olhar fixamente para o público presente na sala e decide atravessar o ecrã para conhecer Cecília. E aí tem início o conflito entre a realidade e a ficção, porque, como diz um dos actores, «os vivos querem ter uma vida de ficção e as personagens de ficção querem ter uma vida real».

E o milagre aconteceu. Um belo dia, a meio dos anos noventa, o génio magricela com grandes óculos de aros grossos, a personagem insegura e hipocondríaca que eu admirava na solidão das salas de cinema, atravessou o ecrã e apertou-me a mão. «Olá, sou o Woody, muito prazer em conhecê-lo.» E, nesse momento, senti o mesmo que certamente sentiu Cecília quando Tom Baxter atravessou a estreita linha que separa a realidade da ficção.

— Olha, é ali mesmo.

O carro que nos trazia do aeroporto de Oviedo passou em frente do antigo cinema Palladium. Mas aquela mágica sala da minha infância já não estava lá, convertera-se num instituto de beleza, como se quisesse dizer-nos que o que importa já não é a alma, mas o corpo. É um sinal dos tempos, suponho, e não me admirava nada se, passados alguns anos, aquele edifício descesse ainda mais na escala do desamparo poético e não passasse de um

cartório notarial ou, pior ainda, de uma sucursal bancária. Allen esboçou um gesto de resignação, talvez de melancolia, enquanto o carro seguia o seu percurso em direção ao hotel.

«O meu primeiro cinema também já não existe.»

Agora fazemos a operação inversa. Passeamos por Brooklyn, pelo bairro da sua infância. Um lugar tranquilo, de famílias humildes que, com o decorrer dos anos, ascenderam à classe média. Vemos a casa em que nasceu, um edifício de tijolo, estreito, com os seus típicos degraus e uma torre de três pisos à esquerda. Os Königsberg — assim se apelidava o pai — viviam no piso térreo, um lugar muito modesto. Ao virar da esquina, a escassos metros, ficava o cinema em que viu os primeiros filmes, o Midwood, que tinha o nome da zona onde estava inserido. Mas chegámos tarde, mais uma vez. O cinema já não está lá, e em vez dele depara-se-nos um grande letreiro que diz BROOKLYN EYES SURGERY CENTER, ou seja, uma clínica para fazer operações à vista. Mas, paradoxalmente, já não há filmes para ver.

«Antes, havia uns vinte e cinco cinemas nas imediações da minha casa, mas já não resta praticamente nenhum. Às vezes, ao domingo, os meus pais levavam-me a Manhattan; era uma viagem de uma meia hora de metro que nos deixava em Times Square. E aquilo era mesmo impressionante, cinemas e teatros em cada porta, em cada esquina. Nunca tinha visto nada assim.»

Diga-se de passagem que Woody Allen não concorda com o título deste livro:

«Gênio, eu? Então o que dizer de Shakespeare, ou Mozart ou Einstein. Não, não, eu não passo de um humorista de Brooklyn que teve muita sorte na vida.»